

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

**"OS ESTUDOS SOBRE MULHERES E GÊNERO NAS MONOGRAFIAS  
DOS CURSOS DE HISTÓRIA" 1987/1998**

Monografia desenvolvida  
sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>  
Dra. Jane de Fátima Silva  
Rodrigues dos Cursos de  
História do Departamento  
de História da Universidade  
Federal de Uberlândia,  
visando cumprir os créditos  
da Disciplina Monografia II.

NÚBIA CRISTINA DE ANDRADE

JULHO/ 2000

00883-OS ESTUDOS SOBRE MULHERES E GÊNERO  
E

Autor: ANDRADE, NUBIA CRISTINA DE

Trad.: \\\

Edit.: UFU  
UBERLÂNDIA

MG

2 exs.

S.8(7)

*Peço a Deus que me dê saúde e sabedoria para que eu possa educar minhas filhas, a fim de torná-las grandes mulheres.*

**Juliana e Isabella** é com muito carinho que lhes dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

***Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pois não teria chegado até aqui sem a vontade D'Ele. Sou muito grata à minha mãe que foi a única que cuidou carinhosamente das minhas filhas nas horas que me ausentei para realização deste trabalho.***

***À minha orientadora Prf.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane de Fátima Silva Rodrigues, meus agradecimentos pela atenção dispensada e por compartilhar comigo seus conhecimentos, mostrando-me o melhor caminho para a realização deste.***

***A todos que direta e indiretamente, me incentivaram nas horas mais difíceis da minha vida acadêmica, meu pai e meu irmão.***

AVALIADA NA DATA: \_\_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_, 2000

BANCA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jane de Fátima Silva Rodrigues

---

Prof.<sup>a</sup> MS. Dulcina Tereza Bonati Borges

---

Prof.<sup>a</sup> Cláudia Costa Guerra

## ÍNDICE

|                                                      |           |
|------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Introdução.....</b>                               | <b>01</b> |
| <b>Capítulo I</b>                                    |           |
| <b>A temática feminina.....</b>                      | <b>8</b>  |
| 1- Mulher e política.....                            | 10        |
| 2- Mulher e religião.....                            | 13        |
| 3- Mulher e velhice.....                             | 16        |
| 4- Mulher e os movimentos feministas.....            | 18        |
| 5- Mulher e prostituição.....                        | 20        |
| 6- O carisma de Emilinha Borba.....                  | 23        |
| 7- A mulher negra na obra Casa Grande e Senzala..... | 25        |
| <b>Considerações Finais.....</b>                     | <b>28</b> |
| <b>Anexo.....</b>                                    | <b>29</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>                             | <b>29</b> |

|                                                        |   |   |
|--------------------------------------------------------|---|---|
| LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU |   |   |
| N.º                                                    |   |   |
| Data                                                   | / | / |

## Introdução

*“Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la à sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (“Não se sabe nada das mulheres”, diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível.”<sup>1</sup>*

Quando optei pelo tema "Gênero e História das Mulheres" como meu objeto de estudo, estava tomada pela curiosidade e infinita sugestividade que o mesmo propõe. Na condição de mulher, trabalhadora e estudante universitária é que me vejo com tamanho estímulo para discutir a temática, uma vez que, para tal, me utilizarei não só de fontes como também de minha experiência cotidiana. O longo período de submissão da mulher fez com que fluísse de minha mente vários questionamentos relacionados a esse fator. Não sei até que ponto nossas conquistas nos beneficiaram, só sei que estamos a cada dia rompendo barreiras criadas há séculos passados.

É muito comum encontrarmos em meio aos casais modernos casos em que há uma inversão de papéis, ou seja, muitas mulheres tomam frente às decisões, se inserindo no mercado de trabalho e assumindo responsabilidades que antes sobrecaíam apenas sobre o

---

<sup>1</sup> PERROT, Michele. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. In: Cadernos PAGU. Campinas: UNICAMP, 1995 nº 4, p.9

homem, não obstante, elas ainda dão suporte no âmbito doméstico duplicando sua jornada de trabalho. Na tentativa de aumentar o orçamento familiar as mulheres vão à luta, contudo nem sempre são reconhecidas e nem valorizadas, em virtude de preconceitos existentes em nossa sociedade. Durante séculos a mulher fez parte do grupo dos chamados excluídos, assim como negros(as), prostitutas, homossexuais dentre outros.

Foi na França que começou a se pensar em uma construção da História das Mulheres. Há encantamento ao perceber nas leituras, que pessoas como Michele Perrot e Simone de Beauvoir, escritoras e historiadoras francesas, venceram a barreira do silêncio da historiografia trazendo com seus trabalhos para o mundo pós-moderno, uma nova concepção no que se refere à História das Mulheres e Relações de Gênero.

Até o século XIX, faz-se pouca questão da inserção das mulheres no processo histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem nos relatos dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. Entretanto, há transformações nesse aspecto. O surgimento da

chamada História Nova<sup>2</sup> possibilita o aparecimento de novos personagens como agentes históricos, dentre eles a mulher, o que vem ao encontro dos anseios de historiadores(as) que se viam até então sem “recursos” para a realização de suas pesquisas.

A categoria gênero nasce com os teóricos da pós-modernidade como Jacques Derrida, Foucault, que se baseiam na desconstrução de conceitos e paradigmas visando a construção de teorias que incluem novos agentes e novas temáticas. A maior parte destes(as) teóricos(as) trabalham com a premissa de que as desigualdades entre o homem e a mulher não são biologicamente determinadas, mas socialmente construídas.

*“(...) Os conceitos de masculino e feminino são definidos por qualidades opostas atribuídas ao homem e à mulher. As qualidades passivas como resignação, paciência, fragilidade, emocionalidade e as qualidades ativas como força, dinamismo, caracterizariam respectivamente, o feminino e o masculino. (...) A divisão de papéis sexuais segundo categorias universais e a distribuição de prestígio e de poder a ela associada se constitui em uma construção sócio-cultural e não biológica”.<sup>3</sup>*

Partindo desses pressupostos é que podemos perceber que discutir gênero não é uma tarefa tão simples como parece. Requer um entendimento de conceitos pré-concebidos culturalmente.

---

<sup>2</sup> A História Nova, nasceu em grande parte de uma crítica à História Positivista do século XIX, tal como havia sido definida por algumas obras metodológicas por volta de 1900

<sup>3</sup> SOIET, Rachel, Condição Feminina e Formas de Violência – mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1920. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1989, p.391, citado por SOBRINHO MOURA, V. B. de e GOMES, A. R. “A educação sexual sob a ótica da imprensa local: Um convite para reflexão em torno da questão de gênero” In : Boletim do NEGUEM. Uberlândia: NEGUEM/UFU, 1ª semestre/98, nº 11.

No Brasil as discussões sobre relações de gênero e a “condição feminina” começaram a fomentar na década de 70, com o ressurgimento dos movimentos feministas, mas somente na década de 80 é que passaram a se concretizar.

Em Uberlândia, foi criado por um grupo de professores (as) da Universidade Federal, em 1991, o Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre a Mulher (NEGUEM), onde a temática central de discussão é voltada para estudos e pesquisas sobre a “condição feminina”, relações entre os sexos e a questão de gênero.

Foi cursando a disciplina Estudos Alternativos em História do Brasil, ministrada pela professora Carmem Lúcia Figueira Balbino, que houve motivação para trabalhar com a referida temática. A disciplina propunha um estudo de "Gênero, História, Política e Cultura", tendo como preocupação central recuperar os vários debates e reflexões teóricas a respeito da incorporação do gênero na leitura dos acontecimentos históricos, na medida que, enquanto categoria de análise, aparece como outra possibilidade de interpretação do mundo, contrária a uma visão racionalista unilateral fundada no sujeito universal masculino, capaz de apresentar novas alternativas de vida para um projeto feminino/masculino da sociedade. Me vi bastante inclinada ao perceber que discutindo Gênero estaria fazendo algo que mais me identificaria no meio acadêmico.

Inicialmente houve o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a mão-de-obra feminina na empresa onde trabalho\*, mas impossibilitada de ter acesso a alguns documentos essenciais para a conclusão da pesquisa tive que mudar meu objeto de estudo. Para mim era imprescindível continuar discutindo gênero. Foi então que optei por um trabalho que até então não tinha sido feito por nenhum dos(as) alunos(as) dos Cursos de História, ou seja, uma análise da produção da História das Mulheres e Gênero nas monografias no período de 1987 à 1998.

Em primeiro lugar, fui em busca de informações no sentido de entender qual o objetivo da implantação da monografia nos Cursos de História. Segundo a Profa. Dra. Heloísa Pacheco Cardoso, atual Coordenadora do Curso, o objetivo principal era o incentivo à pesquisa. Através da documentação cedida pela coordenação do Curso é que pude ter uma noção do histórico da formação curricular no período que compreende desde 1980 até o Currículo atual. O que hoje é chamado de curso de História, era denominado Estudos Sociais, em que para sua conclusão bastavam apenas dois anos, sendo que o(a) aluno(a) podia fazer opção por cursar mais dois anos de Geografia ou História.

---

\* Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia. (CALU)

Neste currículo constava apenas uma disciplina<sup>\*\*</sup> voltada para pesquisa, cuja ementa propunha a elaboração, a partir da lógica do pensamento científico, de projetos de pesquisa em História, bem como a dinamização de sua execução prática, com ênfase especial no manuseio de documentos históricos, nacionais e regionais. A carga horária era de cinco horas/semana. No ano de 1984 com a Proposta de Reformulação Curricular da Licenciatura Plena em História, implantou-se duas novas disciplinas<sup>\*\*\*</sup> cujas ementas consistiam em elaboração de pesquisas, não havendo a necessidade de defesa pública. Foi somente em 1991 com o chamado “Currículo Novo” é que houve um aumento significativo na carga horária de disciplinas voltadas para a pesquisa. Nessa nova reformulação Curricular foram criadas as chamadas Monografia I e II e Seminário de Pesquisa.

Com a criação destas três novas disciplinas chegou-se a um aumento de aproximadamente 40% na carga horária das disciplinas voltadas para a pesquisa em comparação ao “Currículo Antigo”. Houve, portanto, um progresso no que se refere ao incentivo à pesquisa nos Cursos de História, levando o corpo discente a colocar em prática a teoria apreendida durante o Curso. Inúmeros temas foram desenvolvidos no decorrer destes anos de implantação desta disciplina.

---

<sup>\*\*</sup> Métodos e Técnicas de Pesquisa em História(MTPH)

<sup>\*\*\*</sup> História do Brasil VI e História do Brasil VII

Mediante a uma relação de monografias dos(as) alunos(as) dos Cursos de História existente no LEAH(Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História) depositadas entre 1987 a 1998 é que pude perceber que o tema Gênero e História das Mulheres ainda é muito pouco discutido dentro do Curso. Partindo dessa premissa é que desenvolvi minha pesquisa no sentido de verificar como esses(as) alunos(as) trabalharam as relações de Gênero, e como eles(as) resgataram a História das Mulheres em suas pesquisas.

Vale lembrar que do total de 92 monografias defendidas entre 1987 a 1998 existentes no LEAH, apenas 12 referem-se à temática em questão( anexo 1) . De posse destas monografias foi feita uma leitura atenciosa com o intuito de identificar em cada um desses trabalhos a forma como foram construídos, observando as fontes utilizadas, o embasamento teórico-metodológico, os temas propriamente ditos com seus respectivos cortes cronológicos e as bibliografias utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Decidi, então, agrupar os trabalhos levando em conta os assuntos. De um total de 12 monografias lidas, três, são sobre mulher e religião; duas, mulher na velhice; duas, mulheres e os movimentos feministas; duas, mulher na política. As demais, tratam sobre mulher e prostituição; o carisma de Emília Borba e a importância da mulher negra na obra Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire.

# **CAPÍTULO I :**

## **A TEMÁTICA FEMININA**

## 1 - Mulher e política

Apenas duas monografias<sup>4</sup> enfatizam a participação da mulher na política. Trabalhando com a História Local, esses alunos(as) tentam mostrar a dinâmica das relações entre as vereadoras e os vereadores dentro das Câmaras Municipais, evidenciando como as edis irão desenvolver as suas funções dentro de um espaço de poder, totalmente masculino. Outro objetivo é mostrar como as mulheres, apesar da discriminação e o preconceito, superaram os obstáculos para conquistarem seus espaços no âmbito político.

De acordo com a pesquisa de Zilli, a primeira mulher a ocupar a Câmara Municipal na cidade de Araguari, foi uma militante comunista no ano de 1947. Única mulher candidata e de esquerda, eleita com 278 votos, Ilda Ferreira conquistara parte da sociedade. A eleição de Ilda pode ser explicada como um reflexo da redemocratização no país. Apesar da surpresa de ter sido eleita, sobretudo numa sociedade ainda muito conservadora, a mesma trabalhou na Câmara num clima harmonioso, recebendo apoio até mesmo de outras correntes políticas.

---

<sup>4</sup> ZILLI, Rosani Aparecida. Uma memória oculta. Uberlândia, UFU/Curso de História, 1996, 47 p. (mimeo)

OLIVEIRA, Eduardo Pereira de. Rompendo as barreiras do poder na Câmara Municipal- Uberlândia (1983-1992). Uberlândia, UFU/Curso de História, 1998 65p. mimeo.

Chegou a se eleger deputada, mas não conseguiu empossar, sob alegação de irregularidades no registro da candidatura.

O cenário uberlandense não é muito diferente. Nas eleições de 1982, três mulheres chegaram ao legislativo através do voto popular. A presença feminina teve um papel bastante importante na humanização dos trabalhos desenvolvidos dentro da Câmara Municipal. A participação feminina na política contribuiu com o feminismo, mais é muito difícil a vida da mulher no partido político, porque este possui uma estrutura patriarcal. Os próprios partidos vêm com restrição a presença da mulher. Acredita-se que a presença feminina na política local foi de fundamental importância para uma nova postura dentro da Câmara, contribuindo para uma ruptura com os grupos políticos dominantes, dando um novo rumo à história política de Uberlândia. Contudo, a participação das mulheres na política ainda é muito restrita, este espaço ainda é reduto masculino, apesar das novas tentativas para mudar este quadro, como as leis de cota. Percebe-se que a memória feminina é encoberta por valores éticos e morais ditados por uma ideologia masculina.

Para a realização de seus trabalhos esses(as) alunos(as) se utilizaram de fontes escritas como jornais, revistas, livros, atas, dentre outras. Outra importante fonte de pesquisa foram as entrevistas que colocaram os(as) pesquisadores(as) em contato direto com o objeto.

Seus referenciais teóricos foram a História Nova e a História das Mulheres.

## 2 – Mulher e religião

Bastante polêmico, não só por falar da mulher, como também de religião, esta temática gerou uma série de questionamentos por parte dos(as) pesquisadores(as)<sup>5</sup> que abordaram especificamente as relações de Gênero no Candomblé, Umbanda e no Catolicismo.

Esses trabalhos se propõem, mesmo que de forma inicial, apresentar a constituição e a afirmação do Candomblé e da Umbanda em Uberlândia, bem como, pensar em que medida a mulher religiosa consagrada foi ou é objeto passivo de dominação patriarcal eclesiástica no interior de uma sociedade culturalmente machista, revelando os limites de autonomia da mulher religiosa na vida conventual e social.

A mulher religiosa conhecida como freira, consagrada e irmã, valoriza e incorpora outros valores em sua vida pessoal e comunitária,

---

<sup>5</sup> LOPES, Aparecida de Souza. A humanização da vida religiosa e a afirmação da feminilidade, uma questão de Gênero? – 1965-1995. Uberlândia, UFU/Curso de História, 1996 47 p.(mimeo)  
SILVA, Selma Maria. A mulher na Umbanda: Entre a Cruz e a Encruzilhada. Uberlândia. UFU/Curso de Historia, 1998 40 p.(mimeo)  
RODRIGUES, Agnaldo. As relações de Gênero no Candomblé, Uberlândia, UFU/Curso de História, 1997 60 p. (.mimeo)

em seu apostolado. Sua luta é pela supressão da discriminação sexista, tanto na sociedade civil como na Igreja.

Os votos de Obediência, Pobreza e Castidade são votos de submissão, solidariedade e renúncia ao matrimônio, respectivamente. Como se não bastasse, ela ainda tem como parte de sua vida conventual o Hábito e a Clausura. As vestes representam o hábito religioso e a moradia conventual a clausura. A presença da mulher no conjunto da vida da Igreja é vista como subordinada, quando não minimizada ou olvidada. A religião reforça o machismo aumentando o grau de inferioridade da mulher. Mulheres religiosas consagradas individualmente ou em grupos conscientizam-se e lutam em busca de novos valores.

É demasiadamente forte a incoerência da Igreja hierárquica, a dicotomia entre teoria e prática. Seu discurso é democrático, sua prática, porém, é retrógrada e pré-conceituosa. Bispos e Padres reconhecem que sem a presença da mulher, a Igreja perderia sua força evangelizadora, porém, apesar de sua atuação, uma religiosa não tem autoridade como o Padre. Apesar de reconhecerem a importância da mulher consagrada, nada fazem para mudar a condição de submissão feminina na Igreja.

Já no Candomblé e na Umbanda, a realidade é bem diferente. Consideradas como religiões dos excluídos, apresentam-se como

fenômenos culturais e religiosos alternativos, possibilitando às mulheres uma participação mais ativa em seus cultos. Os primeiros centros de Umbanda surgiram em Uberlândia por volta de 1946, tendo como precursora Dona Irene, muito conhecida por trabalhos assistenciais na cidade. Para abordar as origens dessas religiões e suas características fez-se necessário mergulhar em suas raízes buscadas no Espiritismo. O Candomblé é uma religião africana, cujos deuses cultuados são os Orixás. Os Orixás são forças energéticas desprovidos de um corpo material.

Os cultos são realizados nos "terreiros" e cada participante sabe de suas obrigações, mas as das mulheres estão profundamente imbricadas com o trabalho doméstico. Aos homens cabe as funções de proteção espiritual da casa e ainda possuem maior prestígio dentro do culto. Um fator interessante tanto na Umbanda quanto no Candomblé é que no caso da menstruação a atuação feminina é limitada e justificada. O mito de que a menstruação é o sangue impuro está presente no Judaísmo e Islamismo. Estas religiões proíbem que o homem tenha acesso ao corpo da mulher durante "aqueles dias" para não se contaminar.

A atuação de mulheres tanto na Umbanda quanto no Candomblé têm contribuído de forma considerável na efetivação dos passos, ainda tímidos, rumo à transformações que podem fazer cair por

terra antigas ideologias machistas que discriminam e excluem as mulheres em todas as instâncias do social. Para os(as) idealizadores(as) destes trabalhos, os mesmos contribuíram para desmistificar algumas idéias que possuímos sobre esses cultos.

### **3- Mulher e velhice**

Tema relegado no âmbito das pesquisas, mas de extremo peso para as mulheres. As alunas que escolheram esta temática<sup>6</sup> fizeram um resgate da História das Mulheres na velhice, onde, segundo elas, a mulher idosa é duplamente discriminada. De um lado, depoimentos de mulheres que vivem a velhice com medo da solidão e se queixam da ausência dos filhos, de outro, mulheres que dizem que apesar da idade, estão em plena atividade, e não se sentem intimidadas pelo fato de serem idosas. As alunas utilizaram suporte da Memória Social, onde através de entrevistas/depoimentos é possível remeter para o presente algo que ficou esquecido.

---

<sup>6</sup> SILVA, Marta R. D. Olívia: mulher, idosa e feliz. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1993, 17 p. (mimeo)  
FERNANDES, Geisa Helena. Fragmentos de Experiências: memória das mulheres idosas em Uberlândia: UFU/Curso de História, 1998, 92 p. (mimeo)

Tida como objeto de estudo em um destes trabalhos, Dona Olívia Calábria associa sua velhice à felicidade que é justificada por sua atuação e dinamismo. Sem constrangimentos ela revela que durante muitos anos foi militante e comunista, tendo participado da fundação da Organização Feminina Uberlandense (meados de 1945), onde assumiu a posição de líder durante a sua existência. Começou a fazer leituras de Marx ainda com 16 anos, e hoje critica o capitalismo e acredita na implantação do Socialismo no Brasil.

Contrariando toda uma sociedade que desacredita e discrimina o idoso, Dona Olívia se julga feliz, pois para ela a velhice é um estado de espírito e apesar de sentir o peso da idade, hoje com mais de 80 anos, ainda tem muita disposição para trabalhar.

Nestas pesquisas também foram ouvidas mulheres idosas que socialmente pertencem a uma classe menos favorecida, e, apesar de não terem a mesma atuação de Dona Olívia, tinham muita história para contar.

Ao ler todos os relatos contidos nos trabalhos, pude perceber que essas mulheres tiveram uma infância muito sofrida e na mocidade foram muitas vezes reprimidas pelo conservadorismo de seus pais, que as fizeram casar-se muito cedo.

Devido a falta de esclarecimentos ou até por uma educação que conservava tradições patriarcais, muitas dessas mulheres não

detinham o controle da natalidade chegando a ter mais de dez filhos. A maioria revela que são eles seu maior orgulho e que encontram neles um suporte para sua sobrevivência, por não conseguirem mais trabalhar devido à idade. Muitas delas ainda são muito vaidosas e ainda saem para dançar, viajar e até namorar.

Como auxílio a essa geração de idosos, foi criado em Uberlândia duas instituições de apoio ao chamado "Grupo da Terceira Idade". Frequentadas por homens e mulheres que têm acima de cinquenta anos, essas instituições(SESC/CEAI) trabalham com o objetivo de proporcionar o bem estar do(a) idoso(a). Seus serviços variam desde o atendimento nas áreas de saúde, até atividades de entretenimento. O pessoal da Terceira Idade encontra nestas entidades um espaço totalmente dedicado a ele.

Com base nas pesquisas realizadas por essas alunas, os programas feitos para a Terceira Idade proliferam no contexto brasileiro e servem para amenizar os efeitos da velhice, integrando o(a) velho(a) na sociedade. As mulheres parecem bem menos preconceituosas e mais propensas a aceitar o novo. Buscam seu lugar na sociedade tentando assim recuperar o respeito e auto-estima.

#### 4 – Mulher e os movimentos feministas e ou femininos

Essa temática<sup>7</sup> foi discutida por duas alunas com o objetivo de analisar as variadas formas de ação desenvolvidas pelas mulheres contra a dominação e em busca de sua emancipação. Um trabalho analisou o movimento feminista na cidade de Uberlândia, no período de 1970 a 1990, e o outro se deteve no feminismo anarquista de Maria Lacerda Moura.

Maria L. Moura ficou conhecida pelo seu brilhantismo como jornalista, projetando-se em São Paulo e no Rio de Janeiro com suas crônicas e palestras. Foi nessas grandes capitais que Maria Moura se aproximou do movimento anarquista e das associações feministas e femininas. Nas obras produzidas por ela, no período de 1928 a 1937, está visível a preocupação com a liberdade incondicional do ser humano e, sobretudo da mulher, bem como, adotou uma postura feminista, anticlerical, antibelicista e anarquista. A autora se destacou na luta pela emancipação feminina.

---

<sup>7</sup> GUERRA, Cláudia Costa. O Averso e o Direito de uma luta por emancipação – Movimentos Femininos em Uberlândia 1970-1990. Uberlândia, UFU/Curso de História, 1992 116 p.(mimeo)  
FERNANDES, Vanusa Alves V. O Feminismo Anarquista de Maria Lacerda Moura. Uberlândia UFU/Curso de História, 1995 15 p.(mimeo).

O feminismo de Maria Lacerda Moura almeja a emancipação maior que simplesmente ter um salário e uma condição profissional equivalente a do homem, postula a elevação da condição feminina, onde homens e mulheres conquistem juntos sua liberdade e sabedoria. Posiciona-se a favor da teoria do amor plural partindo do princípio anárquico de se respeitar plenamente a individualidade das pessoas, pois, o amor não suporta prisão, não se pode viver em uma redoma.

Um outro importante posicionamento da autora é sobre a maternidade consciente e livre, uma vez que muitas mulheres esclarecidas e independentes não desejam se submeter ao julgo de maridos machistas, mas desejam com muito prazer serem mães. Para ela, o melhor seria a maternidade desvinculada do casamento. Estes e outros argumentos fazem de Maria Moura uma mulher que ultrapassou os limites de seu tempo, e isso foi no mínimo grandioso, pois ainda hoje, muitas pessoas não ousariam dizer o que ela disse.

A outra pesquisa irá recuperar a presença da mulher como sujeito histórico o que possui papel decisivo na luta pela transformação num contexto nacional e especialmente em Uberlândia. Nota-se através deste trabalho que gradativamente a mulher foi conquistando seus direitos, mas, para isso foram necessários muitos anos de luta.

Até a década de 70 os movimentos feministas eram fracos. Nos anos 80 abre-se um espaço a nível nacional relacionando-se Gênero e

Indivíduo a Trabalho e Classe Social. É criado o Conselho Nacional de Defesa da Mulher ligado ao Ministério da Justiça e em 1985 as Delegacias de Mulheres tornam-se uma realidade em várias cidades brasileiras.

Em Uberlândia no ano de 1986 surge a Seção de Apoio e Defesa dos Direitos da Mulher, criada pela Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Fizeram parte das conquistas das mulheres, os Clubes de Mães, a formação do Grupo de Mulheres do Movimento União e Consciência Negra, a Delegacia da Mulher, em 1998 e a criação do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher(NEGUEM), em 1992, bem como, o surgimento dos Movimentos Femininos Autônomos. Observamos neste trabalho que as vitórias femininas foram muitas, mas que nem por isso devemos nos acomodar pois ainda há muito a se fazer, no sentido de reivindicar melhorias e cidadania de fato, para as mulheres.

## **5- Mulher e prostituição**

Com o objetivo maior de vivenciar o cotidiano das mulheres que se prostituem, o trabalho de Flávio Fagundes<sup>8</sup>, resgata a história da

---

<sup>8</sup> FAGUNDES, Flavio Rezende. Av. João Naves de Ávila, Um duplo sentido para a tolerância. Uberlândia UFU/Curso de História 1998 79 p.(mimeo)

prostituição de rua em Uberlândia em determinados pontos da avenida João Naves de Ávila, uma das principais da cidade. Utiliza-se de entrevistas que revelam o cotidiano destas mulheres e que serviram para uma melhor compreensão do mundo do trabalho "ilícito" no qual a prostituição se insere.

De acordo com levantamento bibliográfico realizado até a primeira metade do século XX, a prostituição mantém seu caráter de "mal necessário", através da venda do corpo e do sexo. A implantação de um modelo ideal de mulher, foi esculpido por séculos que identificava a imagem da mulher pública com a de Eva e a mulher pura e recatada com a da Virgem Maria.

Nas duas primeiras décadas deste século, em Uberlândia, a prostituição fazia ponto na área da Estação Mogiana, onde se concentrava um maior número de pessoas, facilitando assim um contato direto das prostitutas com seus "fregueses". Nem mesmo o forte caráter repressivo da polícia de costumes da cidade conseguiu fazer com que a prostituição em Uberlândia deixasse as ruas. O descaso do poder público é um dos principais problemas enfrentados, segundo depoimentos de algumas prostitutas. Elas querem que seu trabalho seja reconhecido e valorizado como qualquer outra profissão. Lutam contra o preconceito e a discriminação e pela igualdade de direitos.

De acordo com as entrevistas realizadas muitas dessas mulheres que se prostituem são casadas e trabalham para ajudar no orçamento familiar. Dispostas a viver aventuras com seus clientes, elas também sentem medo e têm suas restrições. Os valores de cada "programa" variam de acordo com os serviços prestados a cada cliente. Segundo uma das entrevistadas, nem sempre "rola transa", as vezes elas são contratadas apenas para servirem de companhia para algum cliente solitário. Elas revelam que a maior parte de sua clientela é formada por homens casados que estão em busca de algo diferente. Apesar de ter que gastar com sexo, o cliente por vários motivos, se sente mais homem, pois no final, o programa é uma cantada que deu certo, é um reafirmamento da masculinidade através do esforço da autoconfiança.

## **6- O carisma de Emilinha Borba**

Este tema<sup>9</sup> trata da História de Emilinha Borba, personalidade famosa, que no seu tempo conquistou com seu carisma, o carinho e a admiração dos(as) fãs. Este trabalho teve como objetivo principal buscar através da figura de Emilinha Borba, enquanto ídolo dos anos 50 uma

---

<sup>9</sup> SIQUEROLLI, Luciana S. Emilinha Borba: "quem foi rainha nunca perde a majestade". Uberlândia UFU/Curso de História, 1997, 48 p. (mimeo)

compreensão acerca da relação dos(as) fãs com seus ídolos no interior do universo radiofônico.

O Rádio se instaura com o objetivo de informar e mais tarde de distrair, tornando-se uma necessidade para aqueles(as) que dele se utiliza.

Com o fim do governo Vargas e a profissionalização dos técnicos e artistas do rádio, inicia-se um período de proliferação da produção radiofônica. Na década de 50 o rádio vendia produtos utilizando-se dos seus ídolos, que incorporavam a imagem dos mesmos de forma profissional.

É exatamente neste contexto que será desenvolvido este trabalho. A primeira emissora de rádio existente em Uberlândia, nos anos 30 foi a Radio Difusora Brasileira de Uberlândia, onde além de informar trazia sucessos musicais.

De acordo com dados levantados, Emilinha Borba não dispunha de um profissional, de um empresário, o que poderia ter acelerado o crescimento de sua popularidade. Na linguagem atual, a popularidade da cantora fez com que a mesma fosse considerada pelos críticos como "brega".

Em Uberlândia, Emilinha fez 12 shows, e para sua recepção interrompia-se o funcionamento do comércio local e das escolas, que paravam para saudar sua chegada. A cantora era vista pelos(as) fãs

como uma definição da perfeição. O perfil de Emilinha, sempre sorridente e de bem com a vida transmitia otimismo quanto ao futuro e satisfação com o presente. Na política, não tomava partido, pois não havia interesse por parte da cantora em usar sua popularidade para seguir carreira política.

Nas músicas que interpretava, reafirmava suas posições frente a diversos assuntos, em especial, ao casamento. As letras das músicas tinham uma linguagem popular que se apropriava de expressões e figuras comuns às classes populares, o que facilitava uma assimilação rápida pelo público.

A cantora concentrava em sua imagem um esboço da sociedade. Os(as) fãs faziam cobranças referentes ao seu comportamento, que segundo eles(as) deveriam condizer com os seus anseios.

Centralizando as atenções na figura de Emilinha Borba, a pesquisa procurou acompanhar alguns aspectos envolvidos na produção e reprodução do mito. Nessa perspectiva pode-se pensar o(a) ouvinte do rádio como um sujeito participante da construção de seus ídolos e bastante presente em sua manutenção. O mídia se apresentaria enquanto um mediador neste relacionamento. Segundo o trabalho, Emilinha não tinha pretensões maiores em relação a qualquer tipo de estratégia manipuladora, uma vez que os sentimentos que a moviam

estavam bem evidenciados em sua relação com os(as) fãs e destes(as) com ela reciprocamente.

## **7- A mulher negra na obra Casa Grande e Senzala**

A aluna que trabalhou com essa temática<sup>10</sup> buscou por meio da leitura da obra de Gilberto Freire, perceber se na época da escravidão as senhoras brancas reconheciam a importância e a necessidade das mulheres negras na formação da família, nos cuidados da Casa Grande, enfim em toda sociedade patriarcal. A negra não só era discriminada pela cor, como também bastante explorada. A ela eram atribuídos os mais diversos serviços, que variavam desde afazeres domésticos até a amamentação dos filhos dos seus "donos", bem como, a exploração sexual.

A presença da negra na cozinha era constante, ela era companheira, mucama, servia de babá, dama de companhia e tinha uma relação muito estreita com as sinhazinhas. Mais que uma simples companhia a negra era vista também como objeto que pudesse proporcionar prazer ao homem. Quando bonita já sabia o que a

---

<sup>10</sup> FRANÇA, Elizete. A importância da mulher negra na Casa Grande e Senzala. UFU/Curso de História, 1996 42 p.(mimeo)

"esperava". Seria usada pelo seu senhor sexualmente e depois vendida a outros senhores, que iriam fazer o mesmo.

Apesar do preconceito, as mães brancas entregavam seus filhos para que as escravas os amamentassem. Por se casarem muito novas e devido a sua debilidade física e inexperiência, essas mulheres ficavam impossibilitadas de amamentarem seus filhos e dar-lhes os cuidados necessários. Nesse aspecto, as escravas estavam bem mais preparadas para cuidarem das crianças. Em certos casos, quando a família patriarcal passava por dificuldades financeiras, a mulher negra, além de cumprir as tarefas de dentro de casa, também ia trabalhar fora, e o dinheiro arrecadado era trazido para seus senhores. Era utilizada como mercadoria para aluguel. Mesmo com a presença constante junto à família branca, sendo explorada, discriminada e estando em todos os lugares servindo ao grupo dominante, a negra não teve sua importância reconhecida.

## Considerações Finais

Das leituras empreendidas nestas monografias fica claro que a inserção das mulheres enquanto sujeito histórico, auxiliou no alargamento da visão que se tem do passado e passado recente. Contribuíram para quebrar tabus, abrindo caminhos que reviraram as noções sociais de família, lar e educação. Os estudos sobre mulheres e gênero mostram que os movimentos feministas avançaram sobre a estrutura social e deslocou de seus alicerces os ícones que os sustentavam, bem como, colocaram em xeque a sociedade patriarcal ao questionarem a suposta superioridade de um sexo sobre o outro. Demonstraram que a diferença entre homens e mulheres deve ser pensada além do biológico, interrogando as formações sociais e culturais, responsáveis pela discriminação e opressão sexista.

A luta que as mulheres travaram (e travam até hoje) é por uma igualdade. O homem não deve ser o suporte de toda uma sociedade. As conquistas femininas foram alcançadas com luta. Se o mundo entrou em guerras políticas, territoriais, ideológicas, dentre outros, com alcances mundiais, deveria ser incluído na História das guerras aquelas que foram travadas surda e anonimamente todos os dias dentro e fora de casa, onde mulheres foram ( e são ) mortas, mutiladas, subjugadas ou submetidas a uma escravidão por parte da figura masculina.

Fora de casa, nas ruas, na procura de emprego, não é diferente, há uma luta por igualdade de salários, oportunidades e direitos.

Entretanto, diante de tantas transformações no meio acadêmico, considera-se reduzido o número de monografias referente ao assunto gênero e mulher, tendo em vista as novas propostas da História Social e a grande visibilidade da mulher no cenário acadêmico.

Outro aspecto a ser salientado é que das doze monografias que discutem gênero e História das Mulheres apenas três foram escritas por homens, o que comprova que esta temática ainda está centrada em mãos femininas e que ainda há uma resistência por parte dos homens em discutirem assuntos desta natureza.

As monografias inserem-se na perspectiva da História Nova e avançam na discussão de temas que não faziam parte de uma História mais tradicional. Esta nova forma de escrever e interpretar a História tem tirado do anonimato agentes sociais importantes, bem como, contribuído para a ampliação do conhecimento que se tem sobre o passado. Ressalta-se também a valorização da História Local nestes trabalhos, como forma de demonstrar que a História acontece em todos os lugares e não somente nos centros de decisão política e capitais brasileiras.

Além disto, estas pesquisas proporcionaram o repensar de novos temas na História e permitiram desnudar o preconceito e a discriminação sexista velados pela sociedade e pelas ciências do conhecimento.

# ANEXO I

- FAGUNDES, Flavio Rezende. Av. João Naves de Ávila, um duplo sentido para a tolerância. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1998, 79 p.(mimeo)
- FERNANDES, Geisa Helena A. Fragmentos de Experiências: memória das mulheres idosas em Uberlândia. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1998, 92 p. (mimeo)
- FERNANDES, Vanusa Alves V. O feminismo anarquista de Maria Lacerda Moura. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1995, 15 p. (mimeo)
- FRANÇA, Elizete. A importância da mulher negra na Casa Grande e Senzala. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1996, 42 p. (mimeo)
- GOMES, Aguinaldo R. As relações de Gênero no Candomblé. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1997, 60 p.(mimeo)
- GUERRA, Claudia Costa. O Averso e o Direito de uma luta por emancipação – movimentos femininos em Uberlândia 1970-1990. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1992, 116 p. (mimeo)
- LOPES, Aparecida de Souza. A humanização da vida religiosa e a afirmação da feminilidade, uma questão de Gênero? 1965-1995. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1996, 47 p. (mimeo)
- OLIVEIRA, Eduardo Pereira de. Rompendo as barreiras do poder na Câmara Municipal. UFU/Curso de História, 1998, 65 p. (mimeo)
- SILVA, Marta R. D. Olívia: mulher, idosa e feliz. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1993, 17 p. (mimeo)
- SIQUEROLLI, Luciana S. Emilinha Borba: "quem foi rainha nunca perde a majestade". Uberlândia: UFU/Curso de História, 1997, 48 p. (mimeo)
- SILVA, Selma Maria. A mulher na Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. Uberlândia: UFU/Curso de História, 1998, 40 p. (mimeo)
- ZILLI, Rosani Aparecida. Uma memória Oculta, Uberlândia UFU/Curso de História, 1996, 47 p. (mimeo)

## BIBLIOGRAFIA

BOLETINS do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher. Uberlândia: NEGUEM/UFU, de 1993 à 1999, 14 números

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990

MATOS, Maria Izilda Santos. Do Público para o Privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). In: Cadernos PAGU. Campinas: UNICAMP, 1995, nº 4 p. 97-115

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder e a História. In: Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 167-184

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. In: Cadernos PAGU. Campinas: UNICAMP, 1995, nº 4, p. 9-28

SCHVARZMAN, Sheila. Entrevista com Michelle Perrot. In: Cadernos PAGU. Campinas: UNICAMP, 1995, p. 29-36

SCOTT, Joan Wallace. Prefácio a Gender of Politics of History. In: Cadernos PAGU. Campinas: UNICAMP, 1993, p.11-27

YANNOULAS, Silvia Cristina. Iguais mas não Idênticos. In: Estudos Feministas. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, Vol. 2, n.3/94 p. 7-16.